5 Considerações Finais

“Ela [a imprensa] é peça indispensável de um maquinismo forçado ao movimento de outras peças e ela própria fazendo girar outras rodas”

Barbosa Lima Sobrinho¹

Como ressaltai ao longo de todo o trabalho, a imprensa da Corte adquire contornos singulares ao longo do período das Regências, informada pelas particularidades desse momento da história política do Brasil.

O esvaziamento do poder imperial, especialmente após a abdicação de D. Pedro I, contribuiu para a configuração de um contexto marcado, por um lado, pela elaboração de diferentes projetos políticos e, por outro, pela ampliação do campo de possibilidades. O afastamento do Imperador possibilitava a efetivação dos diversos projetos. A imprensa será, ao lado da tribuna parlamentar, a principal ferramenta de difusão desses projetos, assumindo a feição de arena de debates. Mais do que isso, considerando o processo de independência, os jornais constituíram-se, para os diferentes grupos políticos, em importantes armas na disputa pelo predomínio dos princípios defendidos por cada um na instrução da opinião pública.

Os capítulos desse trabalho deram corpo a esse papel da imprensa através da trajetória dos periódicos *A Torre de Babel* e *Aurora Fluminense*. José Ignácio de Abreu e Lima e Evaristo Ferreira da Veiga utilizaram-se dos periódicos para propagar seus posicionamentos políticos e defender seus interesses. Conforme a análise salienta, mesmo com a elaboração de um discurso apontando para a necessidade de civilidade nos escritos da imprensa, não é possível tentar desvincular a prática jornalística da discussão e vida políticas. Pelo contrário, os redatores são partidários

¹ SOBRINHO, B. L., *O problema da imprensa*, p. 185.

de um determinado projeto político que é constantemente representado. E mais: as querelas políticas, mesmo no caso dos redatores que assumiam o encargo de ser porta-voz da missão do escritor público (ressaltando a inadequação da conduta que se tornara praxe na imprensa da Corte), terminavam por extrapolar para querelas pessoais – prática criminosa conforme determinado no Código Criminal de 1830, guardado em alta estima pelos obstinados defensores da ordem legal.

A Aurora Fluminense e *A Torre de Babel* são estudos de caso cuja exploração permite a ampliação do conhecimento de uma época e, mais ainda, a recriação de contexto político através do debate veiculado pela imprensa.

Ainda que os dois redatores sejam opostos pelo vértice em inúmeras questões, uma análise mais detalhada de seus respectivos jornais evidencia que as fronteiras que dividiam moderados e restauradores eram porosas. Os inimigos irreconciliáveis tinham mais em comum do que podiam imaginar e, certamente, do que aceitariam admitir. Se o poder e o papel do rei eram pontos de discordância, assim como eram absolutamente distintas as percepções a respeito do governo de D. Pedro I, por outro lado, os redatores compartilhavam o apreço pelas instituições liberais, eram ambos irredutíveis quanto à opção pela monarquia e semelhantes também eram seus receios quanto ao destino de Império, assolado pela anarquia.

Embora sejam fundamentos diferentes que orientam o olhar de cada um sobre o continente americano, o lugar ocupado pela América no discurso de ambos e seu significado último – a terra da liberdade, em oposição à Europa terreno do despotismo – é outro ponto de contato importante. O compartilhamento das instituições liberais deslocava para segundo plano a diferença de regime, sem que isso implicasse em qualquer prejuízo para a monarquia.

A Liberdade ocupa lugar de destaque no vocabulário dos homens da época, pois se trata de personagens marcados pela experiência da monarquia constitucional. Quer argumentando em prol de sua ampliação, quer atentando para seu excesso, era a medida da Liberdade que pautava os discursos políticos. Nesse sentido, as distintas visões de liberdade referentes aos respectivos projetos políticos são cruciais na compreensão dos mesmos e, por conseguinte, no entendimento da época histórica em questão.